

OPINIÃO

Código verde: como o Low-Code está escrevendo um futuro sustentável

Ricardo Recchi (*)

Nos últimos anos, a sociedade tem se tornado cada vez mais consciente dos desafios ambientais que enfrentamos.

Essa mentalidade não podia ser diferente. Por isso, empresas, desenvolvedores e líderes tecnológicos buscam formas de reduzir o impacto ambiental na criação das aplicações. Não à toa, a consultoria Gartner, previu que, até 2027, 25% dos CIOs (Chief Information Officer) de TI terão sua remuneração vinculada a resultados de impacto tecnológico sustentável.

Nesse cenário, o uso de plataformas Low-Code para o desenvolvimento de software tem sido visto como uma das soluções mais promissoras para tornar a tecnologia mais sustentável. Conhecidas por aumentar a produtividade e simplificar o processo de desenvolvimento, essas ferramentas focam na criação de software mais eficiente e demandam menos recursos, reduzindo significativamente o impacto ambiental das aplicações que usamos todos os dias. Mas como isso acontece na prática?

O código gerado pelo Low-Code é otimizado automaticamente, o que significa que as aplicações demandam menos processamento, armazenamento e recursos computacionais, resultando em uma menor necessidade de infraestrutura, o que diminui a quantidade de energia necessária para mantê-la em funcionamento.

Além disso, a automação de processos no desenvolvimento Low-Code permite que as empresas adaptem suas soluções de forma mais ágil a novas demandas, sem precisar de grandes reconfigurações ou atualizações constantes. Com isso, a longevidade das soluções tecnológicas é aumen-

tada, evitando o desperdício de recursos que ocorreriam em um cenário de software obsoleto. Em outras palavras, menos tempo gasto no desenvolvimento e na manutenção de código significa menos energia consumida ao longo do ciclo de vida da aplicação.

Também é importante lembrar que a utilização de nuvens públicas e privadas em plataformas Low-Code permite que as empresas aproveitem infraestruturas escaláveis e sustentáveis. Ou seja, ao invés de depender de servidores locais, o que implica maior consumo de energia e custos elevados, o uso da nuvem pode reduzir significativamente a pegada de carbono das operações.

O Low-Code também facilita a integração com soluções de IoT (Internet of Things) e monitoramento inteligente, otimizando o uso de recursos físicos e digitais. Assim, é possível desenvolver aplicações que garantem o funcionamento eficiente dos sistemas, reduzindo o consumo de energia e a necessidade de intervenção humana constante. Isso sem contar que o Low-Code permite a entrega de aplicações leves e ágeis, que consomem menos dados e energia, sem comprometer a experiência do usuário.

Em um momento em que os impactos ambientais das tecnologias são cada vez mais discutidos, é hora de repensarmos a forma como desenvolvemos e consumimos software. A adoção de plataformas Low-Code é um caminho para ganhar produtividade e inovação. Ao mesmo tempo em que se constrói um futuro digital, melhorando a eficiência dos sistemas, é possível contribuir para um futuro mais sustentável reduzindo o consumo de energia.

(*) Regional manager Brasil e Portugal da GeneXus, empresa especializada em plataformas Enterprise Low-Code que simplificam o desenvolvimento e a evolução de softwares por meio da Inteligência Artificial.

Uber pretende revolucionar o transporte urbano

O Uber pretende revolucionar o transporte urbano com o lançamento de um novo serviço, inicialmente em grandes cidades americanas.

Vivaldo José Breternitz (*)

A ideia é percorrer rotas prefixadas durante os horários de pico nos dias úteis, com preços menores do que os cobrados em uma corrida comum.

O serviço está sendo lançado em Baltimore, Boston, Chicago, Dallas, Nova York, Filadélfia e São Francisco, com preços até 50% menores do que os de uma corrida UberX; os passageiros deverão fazer reservas através da nova funcionalidade "Route Share" (Compartilhamento de Rota).

Segundo Sachin Kansal, executivo do Uber, seus carros irão circular entre pontos pré-definidos a cada 20 minutos - ele destacou que haverá dezenas de rotas em cada cidade onde o serviço está sendo lançado. As rotas, definidas com base nos dados coletados pelo Uber durante suas viagens normais, poderão incluir uma ou duas paradas para pegar passageiros; em cada viagem, haverá no máximo três usuários.

Os passageiros poderão reservar com antecedência de até sete dias ou até 10 minutos antes do horário programado de embarque. O aplicativo fornecerá instruções para encaminhá-los até o ponto de embarque.



Joe_Potato_CANVA

O Uber está utilizando a mesma tecnologia que usa no Uber Share, sua modalidade de corridas compartilhadas, na qual os usuários podem obter entre 15% e 30% de desconto em uma corrida UberX ao dividir a viagem com outras pessoas. Kansal disse que o Uber realiza milhões de corridas compartilhadas por ano e tem observado um aumento na demanda, à medida que os usuários buscam economizar, razão pela qual criou o Route Share.

Uma possível evolução do Route Share envolveria veículos autônomos, especialmente em cidades de muito grande porte, onde nenhuma empresa de carros autônomos ousou fazer testes.

O Uber tem parcerias com 18 empresas de veículos autônomos e relatou ter realizado em um ano 1,5 milhão de viagens com esses veículos - viagens com rotas pré-definidas como as do Route Share podem ser realizadas mais facilmente do que viagens convencionais.

Com o Route Share, o Uber está não apenas oferecendo uma opção de transporte mais econômica, mas também pavimentando o caminho para um futuro com veículos autônomos.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor - vjntz@gmail.com.

Segurança digital vira protagonista no desenvolvimento de aplicativos

A senha virou um incômodo. E, em muitos casos, um risco. Com vazamentos recorrentes e ameaças cada vez mais sofisticadas, a segurança dos aplicativos deixou de ser um detalhe técnico e passou a ser um fator decisivo na jornada do usuário e na reputação das empresas. Hoje, não basta funcionar — é preciso proteger.

Segundo a consultoria MarketsandMarkets, o mercado global de autenticação multifatorial deve saltar de US\$ 13 bilhões em 2022 para mais de US\$ 26 bilhões até 2027. É uma resposta clara à crescente demanda por sistemas mais seguros e menos burocráticos. Tecnologias como FaceID, TouchID, tokens temporários e criptografia ponta a ponta estão se tornando padrão para qualquer app que pretenda manter a confiança do usuário e os dados blindados.

Menos atrito, mais proteção

Para Rafael Franco, CEO da Alphacode, empresa responsável pelo desenvolvimento de aplicativos para marcas como Habib's, Madero e TV Band, o desafio está em equilibrar segurança com praticidade. "O usuário quer segurança, mas também fluidez. Por isso, tecnologias como autenticação biométrica, autenticação adaptativa e análise de comportamento estão ganhando espaço. Elas reforçam a proteção de forma invisível, sem gerar atrito na experiência", aponta.

O especialista aponta que sua empresa já implementou recursos como autenticação via selfie, tokens integrados, integração com gateways de risco, proteção contra automações maliciosas e análise comportamental em projetos de food service, fintechs e apps com dados sen-



síveis. "Não é só sobre tecnologia. É sobre transmitir confiança. O cliente percebe quando a empresa leva segurança a sério, mesmo antes de digitar a primeira senha", afirma Franco.

Segundo ele, o maior erro das empresas é achar que segurança digital é só um protocolo técnico. "Segurança é parte da experiência. Se o app é inseguro ou burocrático, o cliente sai. Mas se ele sente que está protegido sem esforço, ele confia e volta", complementa.

Tendência não, exigência

Empresas de tecnologia vêm adotando modelos mais sofisticados de proteção, como a análise comportamental — que detecta padrões incomuns de uso e bloqueia acessos suspeitos automaticamente. Outra frente em alta é a autenticação adaptativa, que analisa variáveis como localização, tipo de dispositivo e horário de acesso para definir o nível de segurança necessário em cada tentativa de login.

"Não é mais sobre 'ter' segurança. É

sobre demonstrar segurança. O consumidor quer saber que está protegido antes mesmo de pensar no assunto", reforça o CEO da Alphacode. Para ele, a adoção dessas soluções também é um diferencial competitivo. "As empresas que tratam a proteção de dados com a mesma atenção que tratam o design ou o marketing estão se posicionando melhor. Segurança virou critério de escolha", conclui.

A segurança da informação evoluiu de barreira técnica para ativo estratégico. Com a digitalização avançando em todas as frentes — do varejo à saúde, da educação às finanças —, garantir que os dados dos usuários estejam protegidos não é apenas uma obrigação legal, mas uma demonstração de maturidade tecnológica. "Quando a proteção está no centro da arquitetura do app desde o início, a marca transmite confiança. Isso tem valor direto na relação com o cliente e no posicionamento da empresa no mercado", finaliza Franco.

Aligned Data Centers conquista a certificação Great Place To Work®

A Aligned Data Centers, empresa líder em infraestrutura tecnológica que oferece soluções inovadoras, sustentáveis e adaptáveis de data centers em escala e projetos sob demanda para clientes globais do segmento hyperscale e corporativo, tem o orgulho de anunciar que recebeu a certificação Great Place To Work®. O reconhecimento é concedido

com base exclusiva na opinião dos próprios colaboradores sobre sua experiência na empresa. Neste ano, 91% dos colaboradores da companhia disseram que a Aligned é um excelente lugar para trabalhar — 34 pontos acima da média das empresas americanas. Os participantes da pesquisa incluem colaboradores da Aligned e da ODATA, empresa da

Aligned Data Centers, atuando nos Estados Unidos e na América Latina.

A Great Place To Work® é a principal autoridade global em cultura organizacional, experiência dos colaboradores e práticas de liderança que impulsionam receita, retenção de talentos e inovação (<https://www.linkedin.com/company/odata/posts/?feedView=all>).

News @TI

Ataques de ransomware ampliam riscos com técnicas de extorsão mais sofisticadas

A ameaça da categoria de golpes denominada ransomware segue em alta e preocupa empresas de todos os setores no Brasil e no mundo. De acordo com o estudo Allianz Risk Barometer, de janeiro de 2025, 49% das empresas ouvidas apontaram o aumento de ataques de malware e ransomware como uma de suas principais preocupações em relação à exposição cibernética. O levantamento foi realizado com 1.450 profissionais de gestão de risco e seguros em todo o mundo, reforçando a percepção crescente de que essas ameaças representam um risco crítico para os negócios globais. Entre os modelos mais comuns, destacam-se o ransomware criptográfico, que criptografa arquivos essenciais, exigindo pagamento para restauração, e o ransomware de bloqueio, que impede o acesso ao sistema operacional ou a funcionalidades críticas. Outra modalidade crescente é a double extortion, onde, além de criptografar os dados, os atacantes ameaçam divulgá-los publicamente caso o resgate não seja pago, gerando ainda mais pressão sobre as vítimas. A educação e conscientização dos colaboradores sobre tentativas de phishing e outras táticas de engenharia social é crucial para mitigar os riscos.

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Responsável: Lilian Mancuso

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410